

O IMPACTO DA REPRESENTAÇÃO DO SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO NA SALA FÉ DO MUSEU THÉO BRANDÃO (MACEIÓ,AL)

Autora: Andresa Monteiro Moreira

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Orientadora: Isabel Santana de Rose

Introdução

Localizado em Maceió-AL, o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, equipamento cultural da Universidade Federal de Alagoas, leva o nome do seu patrono, o alagoano Theotônio Vilela Brandão (1907-1981). Médico, folclorista e professor de Antropologia da UFAL, Théo Brandão doou seu acervo de peças da cultura popular à universidade, resultando na criação do museu em 1975. (LÔBO, 2008).

A atual exposição permanente é de 2002 e conta com seis salas, entre elas a Sala FÉ, dividida em dois módulos, o do “catolicismo popular” e o do “sincretismo religioso”. Minha pesquisa etnográfica enfoca especificamente este último módulo que tem um papel muito importante tanto na dinâmica de visitação do público quanto nas apresentações por parte dos mediadores do museu.

Discussões e Resultados

- A instalação central da sala inclui um peji ou altar composto por santos católicos como São Jorge e São Sebastião; orixás a exemplo de Iemanjá e Oxum; e entidades indígenas, além de moringas, quartinhas e uma cruz de madeira. A sala contém ainda cinco atabaques; três quadros, um de Zé Pilintra e dois de pretos velhos; e duas imagens de médio porte de pretos velhos.
- A cor de todas as paredes é vermelha, em alusão ao orixá Xangô. Em uma das paredes está escrito: “o sincretismo religioso, com a equivalência das devoções, dos rituais e simbolismos, continua presente na prática do culto afro-brasileiro em todo o país, adquirindo particularidades regionais”.



- Os mediadores definem a explicação sobre o sincretismo religioso na Sala FÉ como “polêmica”, “delicada”, “provocante”, “demorada”, “desafiadora”. As reações do público que visita a sala são diversas: há pessoas que acham a temática necessária e de grande representatividade; algumas deixam oferendas como dinheiro, cigarro e até fotos.

- Há quem faça o ritual de bater cabeça para seu orixá e peça a bênção para os pretos velhos, fazendo da sala um local sagrado. Há também visitantes que não entram nessa parte da sala e até desistem de visitar o Museu devido à presença desses símbolos e objetos. Outros perguntam se é “coisa do diabo”, “macumba” ou “magia negra”. Já recebemos grupo escolares em que as professoras tiveram resistência para deixar seus alunos escutarem a explicação sobre o sincretismo religioso e pronunciaram frases como: “Tá reprendido!”.

Conclusão

Deste modo, a percepção que o visitante tem acerca desse módulo direciona a forma como a mediação é conduzida, sendo que esta que nem sempre acontece de maneira tranquila. Entretanto, muitas vezes ocorrem trocas significativas de experiências e aprendizados.

Referências

CURY, M. X. Educação em museus: Panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino Em Re-Vista**. Uberlândia, v.20, n.1, p.13-28, jan./jun. 2013.
CHAVES, Julio Cezar. **Uma biografia cultural da Sala Fé da exposição de longa duração do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore**. Faculdade de Ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra, 2015. 132 p.
DANTAS, C. L.; LÔBO, F. A. N; MATA, V. L. C. (Org.) **Théo Brandão: vida e dimensão**. Grafimarques: Maceió, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Contradiscursos Afroindígenas sobre mistura, sincretismo e mestiçagem: Estudos Etnográficos. *Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, v. 9, p. 11-28, jul./dez. 2017.
NINA RODRIGUES, Raimundo. Sobrevivências religiosas religião, mitologia e culto. IN: _____. **Os Africanos no Brasil**. 2a ed. Bibliotheca Pedagógica Brasileira. Coleção Brasileira, Série V, Vol. IX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935.
NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. 1ª ed. Polén Livros, 2020. 107 p.